

Arquivo pessoal



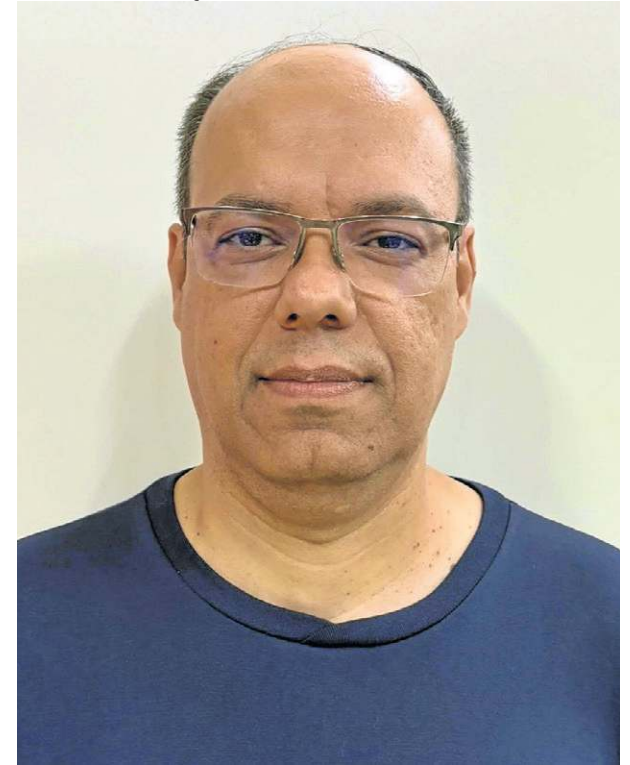
Vinicius de Oliveira Mota concorre com o projeto Educação que Acolhe e TRANSforma

Divulgação



Adriana Martinelli, diretora da Bett Brasil: "É uma construção coletiva"

Professor Elvis Vilela Rodrigues



Elvis Vilela, Idealizador de aplicativo que monitora frequência escolar e divulga vagas de emprego

iorubá. É uma forma de manter a identidade do nosso povo", explica.

"O que eu gosto da metodologia iorubá é que ela parte daquilo que eu acho mais natural: a fala. O primeiro movimento que nós temos é a fala. A fala é como o movimento do corpo. A fala é uma coisa viva", pontua.

Aplicativo para o EJA

Outro projeto, destinado a alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), também pleiteia o prêmio. Com o objetivo de combater a desistência escolar tão recorrente no ensino de jovens e adultos, Elvis Vilela Rodrigues, do Recanto das Emas, idealizou um aplicativo de celular que monitora a frequência e estimula a permanência dos estudantes na escola por meio da oferta de cursos e vagas de emprego.

Concorrendo na categoria Gestão Transformadora, o professor Elvis, comemorou o avanço na seleção. "É uma modalidade de ensino que carece de muitas coisas. Então, desenvolver a ideia de um projeto destinado ao EJA é muito interessante e satisfatório", afirma.

A ideia, surgida na pandemia da covid-19, é fruto de uma série de problemáticas identificadas pelo professor enquanto atuava como coordenador do EJA durante 13 anos. Segundo pesquisa feita pelo docente em 2020, à época, apenas 30% dos alunos trabalhavam com carteira assinada. Na avaliação dele, trabalhos informais

contribuem para a desistência dos estudantes, uma vez que precisam conciliar a rotina de trabalho, sem horários definidos, com os estudos. "Durante e depois da pandemia, a gente passou a sofrer muito com o número reduzido de alunos. A maioria dos nossos alunos, de lá para cá, vêm trabalhando na informalidade. Por isso, eles acabavam faltando muito, o que levou alguns a abandonar a escola", avalia.

Quando lançada, a plataforma virtual pretende otimizar o controle de dados referentes ao abandono, o que pode facilitar o trabalho dos educadores no mapeamento das causas e na elaboração de soluções assertivas. "Eu e os supervisores das escolas tínhamos um contato constante para fazer o controle semestral da evasão e do rendimento escolar. Era tudo feito de forma manual. Trabalhávamos com um sistema que há muito tempo era usado na Secretaria de Educação, então, a gente não tinha um acesso tão pleno ao controle de dados", diz.

Algumas ideias do projeto vinham sendo pensadas e aplicadas de forma isolada. Elvis chegou a convidar membros de empresas locais para palestrar sobre inovação e práticas empreendedoras. Em alguns casos, as empresas dos palestrantes selecionavam estudantes para disputar uma vaga no mercado. "Eu criei, junto com o Sebrae, um curso de influenciador digital, para mirar naquilo que os alunos gostam, com foco no empreendedorismo e no mercado de trabalho.

O aplicativo busca integrar todas essas ideias de gestão, perspectiva de formação de carreira, empreendedorismo e conteúdos educacionais", esclarece.

Um dos objetivos do projeto é estabelecer parcerias com instituições do governo, como a administrações regionais das RA's, para viabilizar oportunidades de trabalho. "Além do contato com a administração, caso um comerciante local tenha uma vaga, ele nos avisaria para disponibilizarmos na plataforma", afirma.

Projeto TRANSforma

Na categoria Inclusão e Sustentabilidade na Educação, Vinicius de Oliveira Mota concorre com o programa "Educação que Acolhe e TRANSforma", projeto que cria rede de apoio para a permanência de estudantes trans em três escolas do Guará. Atualmente, sete alunos integram o grupo de ajuda mútua. Programa deve ser aplicado definitivamente nos próximos dois meses. "Foi uma surpresa muito agradável. Que bom que estão reconhecendo a escola pública", celebra o professor.

O objetivo da iniciativa é criar um espaço seguro de acolhimento aos alunos e servir como um instrumento de voz às demandas da comunidade. "É um grupo criado com adolescentes, por adolescentes e para adolescentes. Esse é o principal foco. A partir disso, eles devem construir suas reivindicações, acolher as demandas e

intervir no que for necessário. Por exemplo, se a demanda dos estudantes for sobre a capacitação dos professores, a gente vai trabalhar em cima disso. Se a demanda deles for um acolhimento psicológico individualizado, a gente também providenciar", detalha.

A ideia do projeto surgiu após uma situação em sala de aula que motivou o educador a se aprofundar nos direitos das pessoas trans. "Vi que eu não tinha o menor conhecimento sobre isso. Fui atrás de estudar, me aproximar dos movimentos sociais, de ONGs, de familiares, para poder entender a demanda real", revela.

Na visão do docente, estudantes trans ainda enfrentam barreiras estruturais no ambiente escolar. Entre os principais desafios, o professor destacou a dificuldade que muitos enfrentam na tentativa de conseguir um nome social, além da falta de banheiros apropriados e das discriminações recorrentes por parte de outros estudantes. "Uma das maiores dificuldades é a questão do uso do nome social. A questão do uso do banheiro é um desconforto. A escola, muitas vezes, não tem autonomia para abrir essa discussão para oferecer esse acolhimento. A gente também tem que preparar o professor para interferir diante de violências simbólicas e estruturais que estão presentes na sala de aula e tornar a escola intolerante a qualquer tipo de discriminação", alerta o educador.

Elvis lamenta um episódio específico em que um estudante

foi vítima do que chamou de "violência estrutural", após o aluno ter o direito ao nome social negado pela escola. O professor também ressalta o papel do psicólogo escolar nesses casos. "No ano passado, eu estava numa escola de 6º ao 9º ano, e a gente recebeu um aluno no sexto ano que fez a solicitação do uso do nome social. Ver a escola negar isso para o estudante foi algo muito desconfortável. É aí onde entra o trabalho do psicólogo escolar de tentar levar a lei para que a escola não cometa esse crime", critica.

"Eu faço esse convite aos colegas professores, aos colegas orientadores educacionais e psicólogos das escolas: que a gente se empodere desse direito, porque são estudantes nossos que estão em sofrimento", argumenta.

Visão da diretora

"Quando a Bett vira palco disso, a gente não só dá visibilidade, mas legítima práticas que precisamos ganhar escala e inspirar outros educadores. É uma construção coletiva com o Sebrae e o Instituto Significare, que trazem o olhar do empreendedorismo e ajudam a transformar ideia em ação. No fundo, a proposta do prêmio é simples e potente: fazer o educador se reconhecer como autor de soluções", reflete Adriana Martinelli, diretora de conteúdo da Bett Brasil.

***Estagiário sob a supervisão de Ana Sá**